

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais
Campus Inconfidentes

LUCIANA REGINA DE SOUSA

ATIVIDADES DE LEITURA E RECONTO E O ESTÍMULO À
LINGUAGEM ORAL

Inconfidentes – MG

2013

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais
Campus Inconfidentes

LUCIANA REGINA DE SOUSA

ATIVIDADES DE LEITURA E RECONTO E O ESTÍMULO À
LINGUAGEM ORAL

**Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus
Inconfidentes, como parte dos requisito para a obtenção
do título de Especialista em Educação Infantil.**

Orientador: Paula Inácio Coelho

Inconfidentes – MG

2013

LUCIANA REGINA DE SOUSA

ATIVIDADES DE LEITURA E RECONTO E O ESTÍMULO À LINGUAGEM ORAL

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Inconfidentes, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Comissão Examinadora

Inconfidentes, MG 18 de agosto de 2013

DEDICATÓRIA

A Deus, por todas as graças que tem proporcionado em minha vida. Sou imensamente grata por tudo que aprendo com Aquele que é meu maior Mestre.

À minha amiga Conceição, pelo seu companheirismo e paciência nos momentos difíceis, fazendo com que me sentisse melhor

Às minhas filhas, pela compreensão da minha ausência.

À amiga Simone que me incentivou a estar nesse Curso me auxiliando em muitas dificuldades que encontrei nesse caminho.

AGRADECIMENTOS

*Agradeço a minha orientadora, Professora Paula
Inácio Coelho, pelas horas dedicadas a me auxiliar
em minha pesquisa.*

EPÍGRAFE

*O mesmo homem dá às suas próprias palavras um
sentido que muda de acordo com os seus
pensamentos e humores e com as imagens que
acaba de associar (Gurdjieff)*

Luciana Regina de Sousa. Atividades de leitura e reconto e o estímulo à linguagem oral. 2013. Trabalho de Conclusão do Curso de Pós Graduação em Educação Infantil. Instituto Federal do Sul de Minas. Orientadora: Prof^a Ms. Paula Inácio Coelho.

Resumo: A arte de contar histórias caminha pela história desde os tempos primórdios e promove a integração entre as pessoas por meio da linguagem oral estimulando a imaginação e proporcionando infinitas experiências. Partindo deste pressuposto, este trabalho pretende investigar quais contribuições podem ser trazidas para a Educação Infantil através do ato de contar e recontar histórias, em especial o desenvolvimento da linguagem oral, tendo o profissional de Educação Infantil como mediador entre a criança e a história, capaz de estimulá-la a gostar da literatura e conhecer suas diversas linguagens, mesmo antes de saber ler e escrever. Como contador esse profissional deve ser criativo, dedicado e capaz de se dispor a buscar várias técnicas e instrumentos que possibilitem a realização de atividade de contar histórias.

Palavras-chave: Linguagem oral. Literatura infantil. Educação infantil

Resume: The craft of telling stories walks through the history since the beginnings and promotes the integration between people by the oral language, stimulating the imagination, providing endless experiences. Based on this premise, this survey tends to investigate the contributions wich might have been brought to the Infantil Education trough the act of retelling stories, especially the development of the oral language, having, therefore the professional of education as a mediator between the child and the story, being capable of simulating the child to like the literature and to know its various languages, even before this child has learned how to read or write. As a teller this professional must be creative, dedicate and be willing to fins various techniques and tools, which enable the realization of the activy of telling stories.

Keywords: Oral language. Infantil literature. Infantil education

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 CONCEPÇÃO DA LINGUAGEM NA VISÃO DE BAKHTIN..... | 11 |
| 2 CONTAR, RECONTAR E ENCANTAR: UM RESGATE NO TEMPO..... | 18 |
| 2.1 Breve histórico da literatura infantil..... | 19 |
| 2.2 A literatura no contexto escolar..... | 21 |
| 3 ATIVIDADES DE RECONTO: UM DESAFIO A SER SUPERADO..... | 24 |
| 3.1 Escolha da história..... | 25 |
| 3.2 Estudo da história infantil..... | 26 |
| 3.3 Formas de apresentação da história..... | 27 |
| 3.4 A Narração da história..... | 27 |
| 3.5 Atividades a partir da história..... | 28 |
| CONCLUSÃO..... | 31 |
| REFERÊNCIAS..... | 33 |

INTRODUÇÃO

Entender a construção da linguagem na criança é algo que deve ser tratado de forma minuciosa, pois falar em linguagem cria um emaranhado de definições.

Trabalhar com reconto no Primeiro Ano do Ensino Fundamental foi o começo para surgir um grande interesse pelo estudo da construção da linguagem humana, pois a cada experiência a surpresa era maior e compreender como ocorre esse processo tornou-se uma necessidade para dar continuidade nesse trabalho.

Trabalhei, enquanto professora, três anos com reconto em uma escola de zona rural com crianças de nove a doze anos. Essa idade varia, pois muitas crianças começaram a estudar acima da idade recomendada, sendo assim a sala de aula não possuía uma constituição homogênea em relação à idade.

O trabalho era feito seguindo-se uma ordem e podia ser realizado com pequenos textos, notícias de jornais, artigos de revistas, cartas, ou através da leitura de livros de literatura infanto-juvenil. Inicialmente as crianças realizavam a leitura silenciosa do texto escolhido em sala de aula ou em casa, no caso dos livros de literatura, era dado o prazo de uma semana: o livro era escolhido na sexta-feira e na sexta-feira seguinte era realizado o trabalho do reconto, que se tratava de expor de forma oral, o texto que cada uma havia lido. A exposição era feita para toda a classe e cada semana eram sorteadas três crianças para fazerem o reconto. Ao recontar o texto lido, a criança deveria relatar a maior quantidade de detalhes contidos na história que fosse possível ela se recordar. E assim podia-se notar a construção da linguagem através da oralidade de cada criança.

Após o fechamento dessa escola ingressei em uma escola de Educação Infantil, na qual foi possível dar continuidade a esse trabalho de reconto, agora, porém, com uma outra realidade, com crianças de quatro anos de idade e foi interessante comparar os resultados obtidos com crianças de nove a doze anos e com crianças de quatro anos de idade. O resultado foi o mesmo. A linguagem se construía através do convívio sócio-histórico. Desde então, o interesse pelo estudo da linguagem e muitas respostas foram encontradas através da revisão bibliográfica de Bakhtin, através de suas concepções de linguagem sendo que esta ocorre de forma dialógica.

Este trabalho foi realizado através da pesquisa feita tendo como bases teóricas os autores JOBIM E SOUZA (2008), ZILBERMAN (2003), BUSSATO (2003), COELHO (1995) dentre outros, visando uma reflexão sobre a construção da linguagem oral da criança através da experiência com várias linguagens, destacando a linguagem oral que pode ser oferecida através da contação de histórias e atividades que estimulem o reconto realizado pela criança desenvolvido pelos professores em sala de aula na Educação Infantil, dispondo-se de diversas alternativas para realizar esse trabalho.

CAPÍTULO I

Concepção da Linguagem na Visão de Bakhtin

Bakhtin foi um dos maiores pensadores do século XX, desenvolveu uma nova filosofia da linguagem de fundamentação Marxista: a concepção de linguagem como interação verbal. Uma concepção de linguagem contrária às concepções contemporâneas de sua época: o *objetivismo abstrato* e o *subjativismo idealista*.

Para os defensores do objetivismo abstrato, a linguagem é um sistema de signos que funciona independente do contexto do sujeito. A formação da linguagem não depende da ação do indivíduo. As enunciações são constituídas de elementos idênticos, não há mudança nem novidades nas diversas enunciações que ocorrem dentro de um determinado grupo de locutores. Os traços das enunciações possuem uma norma, e esta garante a unicidade de uma determinada língua e sua compreensão por todos os indivíduos de uma comunidade. Nesse caso não há transformação no enunciado¹, a língua é exata e não sofre qualquer ação transformadora. Esse sistema linguístico é constituído pelos pilares das normas gramaticais que funciona normativamente, independente de uma criação individual propiciada pelo sujeito que fala. Dessa forma, a língua é considerada como norma imutável, excluindo a sua perspectiva histórica e social. De acordo com o objetivismo abstrato, a função da linguagem é simplesmente ser um instrumento de comunicação, reduzindo assim a língua ao código de comunicação, não considerando o enunciado.

Já no subjativismo idealista, o homem é considerado como um sujeito ideal que possui todo entendimento do sistema linguístico sem ser influenciado pelo meio no qual está inserido. O fenômeno linguístico fica reduzido a um ato significativo de criação individual, uma enunciação monológica, linguagem como expressão do EU, não levando em consideração seu caráter eminentemente social. A enunciação é um

1 – Frase, texto ou fragmento de texto (oral ou escrito) produzido em uma situação real de comunicação. **Enunciação**(AULETE, Caldas. Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (de acordo com a nova ortografia)

ato puramente individual, sendo uma expressão da consciência que se forma no psiquismo do indivíduo e é exteriorizada.

Essas duas concepções reduzem a linguagem ou a um sistema abstrato de formas ou à enunciação monológica isolada.

Para Bakhtin (2003) a linguagem ocorre a partir de situações concretas que se originam da interação entre falantes de uma comunidade e não de maneira individual, como afirma o subjetivismo idealista.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2003, p. 123)

Bakhtin afirma que a linguagem é compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica: “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. (BAKHTIN, 2003). A enunciação é de natureza social, e seu entendimento só ocorre dentro de uma interação. Essa interação de indivíduos socialmente organizados é que origina a enunciação.

O diálogo (comunicação verbal) é uma das formas mais importantes da interação social. Essa comunicação entre interlocutores vive em constante evolução dentro de um grupo social determinado. Bakhtin afirma que a língua vive e evolui historicamente na comunicação social concreta, sendo a língua vista a partir de uma perspectiva de totalidade, integrada à vida social.

Para que haja diálogo, Bakhtin afirma que há a necessidade de dois ou mais indivíduos socialmente organizados executando dois papéis: um de locutor e outro de interlocutor. O diálogo entre os indivíduos dá origem a enunciações que são fruto da interação dos indivíduos entre si e com o contexto imediato vivenciado por eles. “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o terreno comum do locutor e do interlocutor.” (BAKHTIN, 2003, p. 113)

As idéias de Bakhtin sobre o homem e a vida são caracterizadas pelo princípio do diálogo. Como afirma o autor, a vida é dialógica por natureza. O princípio fundador da linguagem é a interação entre interlocutores. Através da comunicação verbal entre locutores é que os significados se formam e se

transformam, pois, para Bakhtin (2003, p. 46) “o ser refletido no signo, não apenas se reflete, mas também se refrata”.

“A relação com o sentido é sempre dialógica” (BAKHTIN, 2003, p. 327). O sentido não se dá somente com um locutor sem que haja um receptor, é impossível que as palavras tenham um sentido sem alguém para interpretar e compreender o que foi dito, e também dar respostas à primeira proposta da linguagem falada. Sem diálogo não há significação nenhuma à nossa linguagem, tanto para quem fala quanto para quem ouve, pois os dois têm os mesmos direitos sobre as palavras que foram lançadas na trama dessa comunicação verbal.

A palavra não pode ser entregue somente ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre as palavras, mas o ouvinte também tem os seus direitos, têm também os seus aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). (BAKHTIN, 2003, p. 328)

Segundo Souza, Bakhtin(1985) afirma que tudo o que é dito está fora da *alma* do falante e não pertence somente a ele.

A linguagem é algo em construção, nunca está acabada e nada do que é dito pertence ao falante, pois o que é falado já foi dito anteriormente por alguém. A linguagem não apenas reflete a realidade, mas a constrói semanticamente na trama das *relações intersubjetivas*. Essa trama ocorre através da língua e das palavras (um sistema linguístico) pertencente ao ser humano que o utiliza em suas relações dialógicas muitas vezes apresentando muita complexidade.

Portanto as relações dialógicas são relações de sentido, quer seja entre os enunciados de um diálogo real e específico, quer seja no âmbito mais amplo do discurso das ideias criadas por vários autores ao longo do tempo e em espaços distintos. (SOUZA, 2008, p. 99)

Considerando o sujeito dialógico, posto que, sua subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa, o indivíduo se constitui como sujeito e se insere na história participando do processo de subjetivação-objetivação. Porém, isso varia de sujeito para sujeito, quantitativa e qualitativamente, dependendo da posição do indivíduo no contexto histórico e com as relações sociais em que se encontra. De acordo com Bakhtin (2003, p. 119), “quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será seu mundo interior”. É através da linguagem

que o sujeito se apropria da realidade e da própria linguagem, de conceitos que lhe permitem entender os fenômenos e agir no mundo.

No contexto sócio-histórico esse dialogismo ocorre com a utilização de signos, palavras e estas estão impregnadas por múltiplas vozes sociais. Para Bakhtin (2003) “nosso discurso [...] está impregnado de palavras dos outros”. Ele considera a palavra um “fenômeno ideológico” (BAKHTIN, 2003). Segundo Bakhtin (2003), “tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”.

Não há limite para o contexto dialógico, ele está contido num passado, inserido num presente e pertence a um futuro. É um diálogo ininterrupto: o que se fala hoje, um dia já foi dito e no futuro poderá ser repetido e transformado em uma significação de acordo com cada circunstância. “A palavra, por sua própria natureza, quer sempre ser ouvida, está sempre em busca de uma compreensão: ela nunca se detém numa compreensão mais próxima, segue sempre adiante de maneira ilimitada.” (SOUZA, 2006, p. 110)

Para Bakhtin toda e qualquer palavra dirige-se a alguém. O que é dito só faz sentido na medida em que a compreensão entra em ação, em forma de réplica ao que foi dito. Assim ocorre a possibilidade de se garantir a real compreensão. Segundo o autor, a compreensão linguística não está associada a normas, mas sim a contextos de forma particular.

A compreensão é um processo ativo, ou seja, uma forma de diálogo. Compreender a enunciação de uma outra pessoa requer uma orientação específica de ouvinte em relação a ela, além disso, é preciso que o interlocutor encontre o lugar dessa enunciação no contexto de suas significações anteriores. (BAKHTIN, 2008, p. 108)

É através da resposta que é dada ao outro que ocorre o diálogo. Aquele que faz o enunciado espera receber uma resposta e esta provoca tantas outras antecipando tantas demais, formando assim uma cadeia ininterrupta da comunicação verbal. A palavra do outro que é levada a um novo contexto evidencia o caráter dialógico da linguagem, adquirindo novos significados, seja através da entonação, devido aos sentimentos adquiridos no contexto em que ocorre o diálogo, ou talvez uma distorção, proposital ou não, do que foi dito. Pode-se dizer que nesse diálogo os enunciados do falante carregam em si as interações e o conflito entre suas próprias palavras e as do outro devido ao contexto em que se encontram.

A entonação é especialmente sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante; na entonação, a palavra se relaciona com a vida. A situação extra verbal não age sobre o enunciado de fora, como uma força mecânica, mas se integra ao enunciado como uma parte construtiva essencial da estrutura de sua significação. (SOUZA, 2008, p. 105)

Todo discurso ocorre pelo já dito e pelo que está por vir, portanto, é histórico, pois é determinado pela época em que transcorre. Para Bakhtin, cada época possui sua linguagem. Em cada período da vida sócio-ideológica, convivem dialogicamente diversas linguagens e seus significados. Assim o sistema dialógico é tecido em meio ao emaranhado de fios que é formado por uma diversidade de vozes.

Não existe diálogo sem que haja relação entre locutor e o outro, pois, o locutor ao elaborar seu discurso, o faz antecipando a resposta que por sua vez é dada pelo outro que também aguarda uma réplica. “Não há diálogo entre elementos abstratos da linguagem, quer dizer, entre sentenças, mas somente entre pessoas”. (SOUZA, 2008, p. 110)

Bakhtin faz diferença entre relações dialógicas e a perspectiva dialética de Hegel. “Para o autor, a dialética hegeliana esvazia o diálogo da sua condição essencial”.(SOUZA, 2008, p. 102)

É como se no diálogo não houvesse vozes, nem sentimentos, sendo apenas realizado de forma mecânica, não havendo nenhum contato entre pessoas, mas entre coisas, excluindo a realidade polifônica que caracteriza o diálogo. Trata-se de uma dialética monológica sem vida, algo vazio.

Na concepção de Bakhtin, o mundo é completamente polifônico e as relações entre linguagem e sociedade são indissolúveis.

Bakhtin ressalta o papel do outro na interação verbal e evidencia a relação dialógica que está entre os enunciados. Estes só ocorrem acompanhados de um posicionamento do ouvinte que no decorrer do enunciado também se torna locutor. O autor faz uma comparação entre as ressonâncias dialógicas do enunciado com a formação do pensamento.

Os enunciados ocorrem porque possuímos uma grande quantidade de lembranças de outros enunciados que se refletem nas combinações para que ocorra um novo enunciado, resgatando pensamentos que ocorreram através dos tempos.

Bakhtin se refere à consciência falante utilizando o termo “Voz” que é a responsável pelos enunciados que sempre se constroem a partir de um determinado ponto de vista, ou seja, por meio de diferentes consciências falantes, ou vozes. Nos

discursos, diferentes vozes são lançadas com posicionamentos ideológicos semelhantes ou contraditórios. Ao perceber e compreender o significado do discurso, o ouvinte adquire uma posição responsiva, ou seja, pode concordar ou não com o que foi dito, e a partir daí forma-se a compreensão ativa que pode ser imediata à ação ou permanecer silenciosa.

A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosa e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN, 2003, p.132)

No processo de compreensão, a cada palavra do outro existem palavras do próprio “eu”, que acabam formando réplicas. “Compreender é, portanto, opor a palavra do locutor uma contra palavra. O sentido construído na compreensão ativa e responsiva é o traço da união entre locutores.” (SOUZA, 2008, p. 109)

Além do transmissor e do destinatário dentro da relação dialógica, Bakhtin ainda adiciona uma terceira pessoa a cada ato de fala, a qual o autor denomina de “destinatário superior”, que é aquele que acaba participando do diálogo num certo tempo e espaço. Trata-se de uma análise mais profunda do enunciado. Este raciocínio é completado quando Bakhtin fala sobre a natureza da palavra que está sempre em busca de uma compreensão, a qual ocorre de maneira ilimitada, quer sempre ser ouvida e busca uma compreensão responsiva. “Não existe nem a primeira nem a última palavra e não existem fronteiras para um contexto dialógico.” (SOUZA, 2008, p. 111)

Nesse contexto é muito importante lembrar que todo esse discurso só ocorre porque existe a voz que constrói todo enunciado através da fala. Para Bakhtin, o conteúdo a exprimir e sua objetivação externa são criados a partir de uma expressão semiótica. O centro formador da atividade mental não está interiorizado no sujeito, mas fora dele, na própria interação verbal, sendo assim, a expressão organiza a atividade mental, ou seja, a atividade mental do sujeito e sua expressão exterior constituem-se a partir do território social.

Este fato pode ser observado no diálogo ocorrido entre uma diretora e alguns alunos de uma sala de aula da educação infantil:

Diretora – Que lindo aquele desenho todo colorido! Que desenho é aquele?

Criança 1 – É o gato, tia.

Diretora – Muito bem. Mas quem pintou essa obra de arte?

Criança 2 – O pintor de Jundiaí.²

No momento do diálogo a criança 2 associa a pergunta da diretora com uma música que a professora havia ensinado às crianças denominada “O Pintor de Jundiaí”, automaticamente, ao ouvir a pergunta da diretora, a criança 2 associou o discurso atual com um outro enunciado do qual já havia participado. Ela fez um resgate de seus conhecimentos e a partir daí organizou seu pensamento e sua compreensão para então dar a resposta à pergunta que ouviu.

Para Bakhtin, o grau de consciência, de acabamento formal da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social. O sujeito falante utiliza de seu estoque de signos sociais, porém o enunciado individual é modelado pelas relações de força envolvidas no “tato” – nome dado por Bakhtin ao conjunto de códigos que governam a interação verbal.

Portanto, a influência dos estudos realizados por Bakhtin, são de muita valia para o trabalho com o reconto em sala de aula, pois a criança, a partir de histórias que lhe são contadas, irá interagir na verbalização compreendendo a história através de seu estoque de conhecimento, acrescentando algo através do que está sendo dito e desenvolvendo a linguagem com a réplica que constrói em sua consciência ativa e criativa.

2 – Este diálogo aconteceu na escola de educação infantil na qual sou diretora, quando entrei em uma sala de aula para acompanhar uma aula que trazia como tema a obra de arte “O Gato” do pintor Romero Brito

CAPÍTULO II

Contar, recontar e encantar: um resgate no tempo

O hábito de contar histórias vem se tornando cada vez mais raro, pois com o avanço da tecnologia e a correria do cotidiano dificulta e muitas vezes impede que as pessoas se reúnam para um momento de lazer, de descontração, de troca de experiência, enfim, o diálogo torna-se cada vez mais ausente entre as pessoas.

Porém, esse quadro já apresentou em outros tempos um cenário diferente, no qual as pessoas encontravam tempo para essa troca, hoje, quase extinta. Há um tempo, não muito distante, nossos avós e bisavós reuniam-se com toda a vizinhança para uma roda de conversa e ali contavam muitos casos reais e imaginários e esse costume passava para as gerações futuras até ocorrerem várias transformações que vieram tornando esse hábito cada vez mais distante.

Bussato (2011) afirma que “Ouvir e contar histórias perdeu-se no tempo, com outros interesses preenchendo o espaço que até então era ocupado pelo narrador, fosse ele a mãe, o avô, ou uma pessoa da comunidade” (BUSSATO, 2011, p. 11). A autora continua: “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSSATO, 2011, p. 10).

Segundo a autora, para os povos orientais os contos orais eram muito mais do que simples divertimento, pois acreditavam que neles estavam todos os conhecimentos e ideias de um povo, e que com os contos era possível até curar doenças, além de resgatar valores e condutas.

(...)Eles acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações o remédio indicado era ouvir um conto e meditar sobre ele. Neste caso o conto funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional que provocou o distúrbio físico. Aqui o conto adquire um caráter terapêutico, encanta curando. (BUSSATO, 2011, p. 17)

Dessa forma, esse encantamento que domina uma criança que ouve uma história, também pode ter esse poder curativo dependendo da criança naquele momento, pois atinge o mais profundo das suas emoções e ela poderá reconstruir essa que ouviu e construir sua própria história.

Bussato (2011) afirma que “um conto nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que o ouvem. E a história de vida de cada um que determinará com que cores e com que música ela vai soar” (BUSSATO, 2011, p. 18).

Ao ouvir uma história a criança desperta seu imaginário e começa a fazer parte de um mundo de fantasia. Mesmo não estando ainda alfabetizada, ao entrar em contato com a história, é oferecido a ela um encontro com a linguagem oral e escrita. É importante que as crianças possam estar em contato com a literatura infantil desde cedo, como por exemplo, ter à sua disposição livros com diferentes histórias, e assim, sejam estimuladas a se tornar futuros leitores.

O envolvimento com os livros faz com que a criança aprenda que os livros possuem uma linguagem com convenções próprias e que ao conhecer as histórias neles contidas ela possa criar mundos imaginários além do aqui e agora, promovendo inúmeras descobertas pessoais.

A literatura infantil vem despertar na criança o hábito saudável de ouvir histórias e com isso a pequena experimenta diversas formas de sentir e ver o mundo, pois passa a lidar com os aspectos emocionais, socioculturais, históricos, linguísticos e literários.

Quando se ouve uma história, o ouvinte pode estar em vários lugares ao mesmo tempo, o que lhe proporciona uma agradável sensação de liberdade. Também participa dos sentimentos do autor podendo rir ou chorar, conhecer castelos, navegar em diversos mares, atravessar florestas obscuras ou floridas, fazer perguntas, sentir a alma alimentada.

2.1 – Breve histórico da literatura infantil

Segundo Zilberman (2003), foi no final do século XVII e durante o século XVIII que a literatura infantil surgiu na Europa devido a uma preocupação de se diferenciar as crianças dos adultos, pois estas apresentam suas próprias especificidades e necessidades de uma formação diferenciada dos adultos. Foi devido a uma nova visão de família que essas mudanças ocorreram.

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada com interesses próprios e necessitando de uma formação específica só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas

relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 2003, p. 15)

A partir daí houve uma valorização da infância, pois, até então a criança era vista como um adulto em miniatura. Devido a isso surgiu a necessidade da reformulação da escola existente, juntamente com a literatura infantil, pois os primeiros textos infantis eram adaptações de textos escritos para adultos com algumas correções de linguagens para que pudessem ser compreendidos pelo público infantil. A autora se utiliza de um trecho do livro *A mistificação Pedagógica* de Bernard Charlot (1979), que bem descreve como a criança era vista pelo adulto:

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas esse reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais. O adulto e a sociedade respondem de certa maneira a essas exigências: valorizam-nas, aceitam-nas, recusam-nas e as condenam. Assim, reenviam à criança uma imagem de si mesma, do que ela é ou do que deve ser. A criança define-se assim, ela própria, com referência ao que o adulto e a sociedade esperam dela. (...) A criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela seja e temem que ela se torne, isto é, do que o adulto e a sociedade querem, eles próprios, ser e temem tornar-se. (CHARLOT, 1979, in ZILBERMAN, 2003, p. 20/21)

Os contos de fadas surgiram na França ao final do século XVII, com Perrault que retirou dos contos passagens obscenas de conteúdo incestuoso e canibalismo. Em 1697, Perrault traz a público histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades: *Contos da Mãe Gansa*. Ganham então, forma editorial as seguintes histórias: *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borralheira*, *Henrique do Topete* e *o Pequeno Polegar*.

Segundo Bussato (2011), na Alemanha os conhecidos *Irmãos Grimm*, publicaram contos que eram populares criados pelo próprio povo.

As fábulas de *Esopo* foram recebidas da Grécia, traduzidas por La Fontaine. Segundo Bussato (2003), Esopo foi um fabulista grego que deve ter vivido por volta do século VI a.C., provavelmente na Frágia. Sua existência é envolta por lendas, mas acredita-se que ele seja um dos precursores da fábula.

Bussato (2011) afirma que os registros de contos populares encontrados no Brasil foram realizados por viajantes, antropólogos e folcloristas, dentre os quais destaca Silvio Romero e também um grande ouvinte das histórias contadas pelo povo: Câmara Cascudo.

Luís da Câmara Cascudo soube ouvir todas as vozes que estavam ao seu redor. Dentro de casa ele teve uma grande contadora de histórias, uma valiosa fonte desta literatura, Luiza Freire, ou simplesmente Bibi, sua ama, com quem conviveu 38 anos, até a morte daquela que seria a Xerazade de Cascudo. (BUSSATO, 2011, p. 27)

A autora ainda ressalta que muitos dos contos que foram registrados por Câmara Cascudo são versões dos contos de fadas europeus adaptados à realidade brasileira.

Acredita-se que o conto de literatura oral é uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade. Para Bussato (2003) “O conto de tradição oral é um retrato da magia e do encantamento, uma fantástica criação da mente humana” (BUSSATO, 2011, p.28).

2.2 – A Literatura Infantil no contexto Escolar

A literatura infantil, muitas vezes vem sendo usada de forma inadequada nas escolas, pois ao invés de ser utilizada para o estímulo da literatura, aumento do repertório da linguagem da criança, ela vem sendo usada assumindo um papel de abordagem e controle sobre a criança ou apenas com caráter pedagógico com intuito de ensino-aprendizagem. Essa situação deve ser repensada nas práticas escolares, pois a literatura deve ser estimulante, desafiadora e lúdica. Sendo assim, acredita-se que a literatura desempenha um papel muito importante, principalmente na mais tenra idade, pois a criança tendo contato com livros desde bem pequena apresenta maior chance de se tornar um leitor assíduo por toda sua vida, tendo a literatura como um momento de prazer e não de obrigação.

Zilberman (2003) afirma que é imprescindível e vital que a relação entre literatura e ensino tenha um redimensionamento, de forma que a literatura infantil seja transformada no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e o futuro leitor.

A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta. (ZILBERMAN, 2003, p. 30)

Ao se interessar pela leitura, a imaginação da criança é estimulada, bem como o desenvolvimento comunicativo, interagindo com o narrador, com os colegas e também de forma sociocultural; além de auxiliar no seu desenvolvimento físico-motor, no seu esforço de ouvir e recontar as histórias para as outras crianças.

Acredita-se que a literatura infantil contribui significativamente para o favorecimento da aprendizagem auxiliando para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção e a memória, sendo também de suma importância para a formação do sujeito. Dessa forma a literatura infantil deve fazer parte do cotidiano escolar e ser estimulada o quanto antes para que haja uma relação prazerosa da criança com o livro.

Além de promover a educação, a literatura infantil ensina, diverte, pois quando as crianças se identificam com os personagens elas conseguem sentir as mesmas emoções vivenciadas pelos mesmos, percebendo que mesmo esses seres fantásticos existentes nas histórias também sentem as mesmas emoções como medo, rejeição, que são características que fazem parte do cotidiano da criança, que de maneira inconsciente se utiliza da história para estruturar o que intimamente lhe traz perturbação. Porém, para que tudo isso aconteça, é necessário que as histórias correspondam às necessidades das crianças.

O documento de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil destaca que,

Dentre os bens culturais que as crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e escrita, instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado. (BRASIL, 2009, p. 15)

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)³,

(...) quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, p. 121)

Ao estar consciente sobre a importância da literatura infantil na vida da criança, bem como estimulá-la a se interessar pelas histórias, torna-se necessário que o professor tenha conhecimento de algumas técnicas que facilitarão o seu trabalho com os pequenos. Quanto mais dedicação houver por parte do professor ou outro adulto em aprender e estar sempre buscando novidades para realizar o trabalho de reconto, maior e melhor será o resultado alcançado.

3 - Documento do MEC estruturado em sete eixos temáticos que correspondem a variadas formas de linguagens a serem desenvolvidas na infância, além de ser o primeiro documento oficial que serve de base para o trabalho pedagógico com as múltiplas linguagens presentes no cotidiano e na prática das instituições de Educação Infantil.

CAPÍTULO III

Atividades de reconto: uma oportunidade de criar e recriar

A escola desempenha um papel muito importante no desenvolvimento da criança e isso se faz necessário, principalmente nos primeiros anos escolares, ou seja, na educação infantil.

Para que a literatura infantil chegue até as crianças pequenas é necessário que haja a mediação de um adulto, seja ele um professor ou um familiar. Estimular a criança a ser uma futura leitora é de fundamental importância no desenvolvimento de sua linguagem oral. Quanto maior for o interesse e contato com os livros, no decorrer do tempo, maior também será o repertório de palavras disponíveis em seu vocabulário. O professor é essencial nesse contexto, pois é através dele que a criança será inserida no mundo da literatura infantil, pois poucas crianças têm esse contato com livros em casa, mas para isso ele deve estar consciente dessa importância que representa na vida da criança. Na fase da Educação Infantil é que a criança está desenvolvendo sua fala, portanto é necessário que o professor aplique atividades que trabalhem a linguagem oral.

Ao trabalhar esse tipo de linguagem através da literatura infantil, o professor deve saber que existem vários caminhos e possibilidades para a realização deste trabalho oferecendo à criança a construção de uma grande viagem prazerosa em seu imaginário. As atividades com literatura infantil podem ser desenvolvidas de diversas maneiras envolvendo canções, gravuras, dramatizações, poemas, trava-línguas, etc. A contação de histórias é uma dessas atividades na qual o papel do professor é de mediador entre a história e a criança. Ele interage positivamente ao elaborar maneiras de dar vida aos personagens ao articular as palavras, dessa forma prende a atenção e seduz seus ouvintes a interessarem-se pela história estimulando sua imaginação.

O professor que conta histórias deve ter um compromisso constante com a leitura estando sempre se aperfeiçoando.

O papel do professor mediador é definido pelo Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil elaborado em 1996, da seguinte forma:

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento. (1998, p. 30)

Mas nem todos os professores realizam a atividade de contar histórias, pois, segundo Coelho(1995), muitos professores acreditam não saber contar histórias e nem levar jeito para isso, mas, para a autora, basta que os professores experimentem essa atividade para perceberem as qualidades que ela proporciona ao próprio contador reacendendo a sua criatividade e incentivando uma mudança na prática de ensino, onde os resultados obtidos apresentam aspectos positivos. Mas a autora faz um alerta: “Apenas recomendo que não transformem numa exigência o prazer que a história dá. O lazer é direito assegurado pela *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, convém não esquecer”. (COELHO, 1995, p.12)

Coelho apresenta algumas técnicas que podem facilitar e muito auxiliar o trabalho do professor na atividade de contar histórias como: escolha da história; estudo da história infantil; formas de apresentação da história; a narração da história e atividades a partir da história.

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o improviso em técnica, fundir a teoria à prática. (COELHO, 1995, p. 13)

Escolher o que contar é o primeiro passo.

3.1 – Escolha da História

Ao escolher a história a ser contada, primeiramente ela deve agradar o narrador. Segundo Coelho, escolher a história é o passo mais demorado para que evite contratempos mais tarde, no decorrer da atividade. A escolha da história deve levar em conta a faixa etária, condições sócio-econômicas e os interesses dos ouvintes, bem como respeitar os pré-conhecimentos dos mesmos. Deve-se fazer uma seleção de histórias para que procurem atender estes fatores. Há também a necessidade de uma adaptação verbal da história para que ela se torne

compreensível pela criança, pois nem todas as histórias encontradas nos livros estão prontas para serem contadas.

Em relação à faixa etária e os interesses de cada uma, Coelho(1995, p.15) apresenta um quadro para facilitar a escolha do livro:

| | | |
|-----------------|--|---|
| - Pré-escolares | Até 3 anos: fase pré-mágica 3 a 6 anos: fase mágica | - histórias de bichinhos, brinquedos, seres da natureza (humanizados) - histórias de crianças - histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A Formiguinha e a Neve, etc.) - histórias de fadas. |
| - Escolares | 7 anos | - histórias de crianças, animais e encantamento - aventuras no ambiente próximo: família, comunidade - histórias de fadas |
| | 8 anos | - histórias de fadas com enredo mais elaborado - histórias humorísticas |
| | 9 anos | - histórias de fadas - histórias vinculadas à realidade |
| | 10 anos em diante | - aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções - fábulas, mitos e lendas |

3.2 – Estudo da história infantil

De acordo com Coelho(1995), após escolhida a história, é hora de estudá-la, porém, isso não significa decorá-la, mas sim, encontrar a mensagem da mesma e divertir-se com ela. Ao ler a história várias vezes, o professor identificará os elementos essenciais da estrutura da narrativa (introdução, enredo, clímax e desfecho).

A introdução é a parte que apresenta aos ouvintes a história estabelecendo um contato inicial entre narrador e ouvinte, portanto deve ser realizada de maneira clara, com a voz pausada para que a criança possa se envolver através de cada palavra dita pelo narrador.

Esse momento de sintonia é o que buscam os textos da literatura infantil, de modo a construir uma cena inclusiva de pelo menos três vozes – Narrador, Mensagem e Receptor – que interagem simultaneamente num intercâmbio de contínuas experiências em reciclagem. (PALO e OLIVEIRA, 2001, p. 45)

No decorrer da história vai ocorrendo uma sucessão de episódios desenrolando o enredo. Esses episódios devem obedecer à sequência exata da história criando uma expectativa para que o clímax seja alcançado e envolva cada ouvinte fazendo com que ele viaje em suas emoções. Nesse momento a narrativa vai em direção ao desfecho da história, ou seja, seu fim.

3.3 – Formas de apresentação da história

Ao estudar a história, o narrador se familiarizará com a mesma e encontrará a melhor forma de apresentá-la aos ouvintes. O que vale é a criatividade do narrador em encontrar uma forma bem divertida e que conquiste os ouvintes para que participem de cada acontecimento da narrativa.

É o discurso alegórico que fornece a chave para o modo como o Narrador articula a narrativa, lançando mão de esquemas de oralidade – diminutivos, aumentativos, interjeições, onomatopeias, repetições de certas expressões, comparações com termos comuns, do universo infantil – para, sob a forma de diálogos diretos ou indiretos, colocar em discussão um conceito geral e abstrato: a simbologia do poder. (PALO E OLIVEIRA, 2001, p. 46)

3.4 – A narração da história

O ato de contar histórias pode ser interpretado como uma atividade que surge a partir de outra produção, pois um texto narrado possui um autor. Faz-se necessário que o texto a ser recontado seja ao menos estudado para que haja naturalidade e certa intimidade com o contador.

Coelho (1995) afirma que “contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição latente em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças”(COELHO, 1995, p. 50).

Segundo a autora é necessário que o contador tenha consciência de que no momento da narrativa o que há de importante é a história, sendo ele apenas o transmissor dos fatos que devem ser expressados com naturalidade, e que isso depende da segurança do contador e do conhecimento que possui da história.

Ao contar a história, todas as emoções são transmitidas pela voz, principal instrumento do narrador.

Para Coelho (1995) “Há vários tipos de vozes: sussurrante, adocicada, suave, cálida, eriçada, espinhenta, metálica, sem vibrações, sem modulações, inertes, sem consistência, inexpressivas, monocórdicas”.

Cabe ao contador saber modular a sua voz para transmitir os fatos alcançando a emoção que se quer passar, considerando que alguns aspectos como a intensidade da voz que é o instrumento que sugere o que está acontecendo na história; a clareza também é um fator importantíssimo, pois se o contador não possui uma boa dicção ficará difícil o entendimento dos ouvintes; e evidentemente, o contador deve ter conhecimentos suficientes para apreciar o comentário dos ouvintes e avaliar suas reações. Porém, para que tudo isso dê certo, o contador deve gostar de crianças e saber que contar histórias é um ato de interação integral de captar a mensagem implícita na narrativa de maneira que desperte a própria sensibilidade.

“Contar histórias é uma prática tão gratificante, que chega a produzir no narrador uma catarse dos conflitos mais íntimos”. (COELHO, 1995, p. 52)

Na educação infantil o tempo da narrativa não deve ser muito longo para não dispersar a atenção dos pequenos, segundo Coelho (1995), a duração deve ser de cinco a dez minutos, podendo esse tempo ser flexível de acordo com o interesse dos ouvintes.

3.5 – Atividades a partir da história

Ao ouvir a história a criança mantém o que ouviu em sua mente que vai estimulando sua imaginação criadora.

Sendo o reconto a principal proposta deste trabalho, serão apresentadas algumas alternativas de realizar esta atividade que foram experimentadas pela autora deste trabalho há algum tempo, no exercício de professora regente em turmas de ensino fundamental com crianças na faixa etária de 6 a 12 anos de idade, devido ao resultado positivo alcançado, continuam sendo aplicadas em uma escola de educação infantil onde a mesma exerce a função de Diretora e acompanha o trabalho desenvolvido pelas professoras e monitoras da referida instituição em busca de oferecer um bom instrumento para alcançar o desenvolvimento da linguagem oral dos alunos.

Essa atividade deve ser realizada seguindo algumas etapas que possibilitarão uma melhor compreensão da história pelos alunos aumentando e estimulando sua imaginação e desenvolvimento da linguagem.

A atividade é uma proposta a ser realizado durante o período de uma semana proporcionando um estudo prolongado da história, o que oferece um prazer maior no entendimento da história e uma maior facilidade no reconto feito pelas crianças, que, assim, apresentarão uma riqueza de detalhes na narrativa. De acordo com Coelho (1995), a criança sente necessidade de ouvir várias vezes uma mesma história

[...] convém repetir uma mesma história durante alguns dias e de vez em quando voltar a fazê-lo. As crianças o exigem por uma forte razão: da primeira vez, desconhecendo o que irá suceder, a expectativa é muito forte. Nas seguintes, conhecendo o enredo, já identificadas com algum personagem, apreciam melhor a trama, podem antecipar as emoções e torná-las mais ricas, mais duradouras. Sem dúvida, um renovado prazer. (COELHO, 1995, p. 55)

O primeiro passo para a realização desta atividade é a apresentação do livro que contém a história a ser contada. O professor apresenta aos alunos o livro explorando detalhes da capa, o autor e o ilustrador da história, dessa forma a criança terá conhecimento que toda história que ouvem é escrita por uma pessoa denominada autor, e as ilustrações trazidas nos livros também precisam de alguém para fazê-las, sendo este o ilustrador. A exploração da capa deve aguçar a curiosidade e o interesse pela história e estimular o visual da criança buscando que as crianças encontrem os mínimos detalhes para responder os questionamentos do professor como: as cores que a capa apresenta, identificação dos desenhos (pessoas, animais, plantas, etc.), suas características; saber se as crianças têm

conhecimento prévio do que estão vendo, isso facilitará o desenvolvimento das próximas etapas.

No segundo dia, o professor contará a história utilizando estratégias conforme sua criatividade: simples narrativa (sem utilização do livro), leitura do livro, fantoches, teatro de sombras, dramatização, álbum seriado, álbum sanfonado, cineminha, DVD, com gravuras, máscaras, dobradura, dentre muitas outras.

Prosseguindo, no dia seguinte, o professor mostra novamente o livro para que as crianças se recordem da história fazendo um *feedback*(6) da história juntamente com elas mediando o reconto através de inferências para que a história seja recordada nos mínimos detalhes e estes sejam percebidos pelas crianças.

No quarto dia ocorre o reconto feito pelas crianças. Uma delas é escolhida pelo professor para iniciar a narrativa que vai realizando o reconto de forma livre e recebendo o auxílio dos colegas que, ao perceberem que algum detalhe está sendo esquecido no reconto, fazem uma interrupção na narrativa e relatam o fato que sentiram que está faltando na história. Dessa forma a atividade propõe uma narrativa coletiva e uma interação entre as crianças, assim, uma ajuda a outra a recontar a história. Nessa fase o professor pouco interfere, havendo uma troca de papéis: o professor passa a ser o ouvinte e as crianças, as contadoras.

Coelho(1995) recomenda que ao término da contação de história, a criança deve ser estimulada a recontá-la.

No último dia da semana é oferecida uma atividade para reforçar a compreensão da história onde, novamente as crianças recontam a história, porém, não somente com a utilização da linguagem oral, mas, também utilizando a linguagem corporal ou outro instrumento que enriqueça o reconto. Pode ser em forma de dramatização, utilizando fantoches, gravuras na sequência da história, etc. Essa proposta dependerá da criatividade do professor e da maturidade das crianças.

Esta atividade é inserida na rotina diária da educação infantil, desenvolvida pelos profissionais da escola, pois essa rotina facilita o trabalho no decorrer do ano. No caso da atividade apresentada neste trabalho, ela é realizada no horário da “Rodinha”. Porém, durante a rotina diária, são elaboradas outras atividades que vêm reforçar o entendimento da história como: desenho livre da história, confecção de fantoches e painéis com os personagens da história. O interessante é verificar o conteúdo da semana e buscar uma história que possa ser trabalhada de forma

interdisciplinar, assim, o objetivo será, além do desenvolvimento da linguagem oral, a interação entre as disciplinas proporcionando um desenvolvimento global da criança nos aspectos cognitivo, afetivo, psicomotor, emocional e social.

O planejamento e a dedicação do professor são fatores essenciais para o êxito desse trabalho.

CONCLUSÃO

É de suma importância que a literatura entre na vida da criança desde a mais tenra idade, e uma forma de que isso aconteça é proporcionar que ela entre em contato com a contação de história, pois assim ela terá a oportunidade de ampliar e tornar cada vez mais rica sua experiência de vida.

Na Educação Infantil o trabalho realizado para promover o desenvolvimento da criança utiliza-se de diversas formas de linguagem. O tipo específico da linguagem abordada pelo presente trabalho é a linguagem oral que se desenvolve através de várias possibilidades experienciadas pela criança por meio de suas interações.

Uma dessas experiências vivenciadas pela criança é ouvir histórias, pois elas estimulam sua imaginação fazendo com que a criança possa criar os cenários mais variados, bem como assimilando com momentos já vividos ou criando novos lugares fantásticos na medida em que se interessam pela história com a qual a criança passa a dialogar e construir sua formação.

Portanto, a literatura utilizada no contexto escolar deve ser vista como um momento de prazer, que faça com que a criança se interesse pela literatura e a estimule a se tornar um futuro leitor, bem como sentir-se envolvida a participar das atividades que desenvolvam sua criatividade estimulando sua oralidade; e não simplesmente como um instrumento de ensino aprendizagem ou como uma forma de premiação ou castigo para manter a disciplina ou para fazer com que a criança cumpra com todas as suas tarefas.

O adulto, seja professor, familiar ou outro que esteja em contato com a criança passa a ter um papel importantíssimo de mediador deste diálogo e estimular a criança não só a ouvir, mas a contar e recontar suas histórias, tanto as ouvidas quanto as vividas, pois ao expressar-se verbalmente a criança está cada vez mais ampliando o seu vocabulário.

Esse trabalho de reconto através da literatura infantil a ser desenvolvido com a criança deve ser encarado pelo professor como uma busca constante de novas oportunidades, que estimulem sua própria criatividade para que encontre um caminho que alcance os objetivos almejados. Para que isso possa acontecer, existem algumas técnicas que podem ser seguidas pelo professor para facilitar esse trabalho, desde a escolha da história, que seja uma história que em primeiro lugar agrade a si próprio e que também esteja compatível com o interesse das crianças dependendo da sua faixa etária e sua realidade social, bem como maneiras de desenvolver esse trabalho de contação da história de forma que cada criança, ao ouvi-la, sintam-se cativada e estimulada a dar as respostas de um bom desenvolvimento nas mais diversas esferas. Para tanto, essa atividade deve ser minuciosamente planejada para promover o desenvolvimento global da criança.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª edição. Hucitec. 2006
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BUSSATO, Cléo. **Contar e Encantar: Pequenos Segredos da Narrativa**. Rio de Janeiro. Vozes. 2011.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: Uma Arte sem Idade**. São Paulo. Ática. 1995.
- JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas. Papyrus. 1994.
- KRAMER, Sonia. **Alfabetização, Leitura e Escrita: Formação de Professor em Curso**. São Paulo. Ática. 2010.
- GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **Recontando Histórias na Escola: Gêneros discursivos e Produção da Escrita**. São Paulo. Martins Fontes. 2003.
- PALO, Maria José. OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil: Voz de Criança**. São Paulo. Ática. 2001.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo. Global. 2003.